

MEMÓRIA E DIFERENÇA

Resenha de:

Trem da Vida (Train de Vie). Direção: Radu Mihaileanu. Produção: Marc Baschet, Ludi Boeken, Frédérique Dumas-Zajdela, Eric Dussart e Cédomir Kolar. Roteiro: Radu Mihaileanu. Fotografia: Giorgos Arvanitis e Laurent Dailland. Edição: Monique Rysselinck. Música: Goran Bregovic. Distribuidor: Paramount Pictures (<http://www.paramount.com>) Duração: 103 min. Colorido. Origem: França / Holanda / Belgica / Israel / Romênia, 1998.

*Luis Vinicius do Nascimento**

Eu te invento, ó realidade. Esta pequena frase de Clarice Lispector atuou em mim como um pequeno digestivo para o belo filme *Trem da Vida*, de Radu Mihaileanu. A história se passa ao redor de um pequeno grupo de judeus que, durante o regime do Terceiro Reich, veêm-se obrigados a tomar alguma atitude para sobreviver frente à iminência da aproximação do exército alemão.

O projeto nazista não comportava somente um desejo de supremacia ariana e expurgo de outras etnias, mas, sobretudo, baseava-se em uma aposta de que era possível obliterar todo um povo e sua história. Conforme comenta Vladimir Safatle (2011), basta lembrar a fala “de alguns sobreviventes dos campos de concentração, frase que não terminava de sair da boca dos carrascos: Ninguém acreditará que fizemos o que estamos fazendo. Não haverá traços nem memória” (s.p.). A forma como o sistema de espólio, roubo, aprisionamento, segregação, morte e exílio, ou seja, o próprio projeto de dominação e soberania que se estendia da medalha da “mãe alemã” até os diversos campos de concentração, revela um desejo íntimo de eliminar povos “non gratos” condenando-os a algo pior que a morte, ou seja, ao seu completo desaparecimento.

Tomado a partir do povo judeu, *O Trem da Vida* retoma esta situação com uma grade dose de humor e beleza. Aliás, é justamente através desta via que agirá o louco Shlomo, poeta visionário que conduz a narrativa. É através do humor, do escárnio, da falta de sentido,

* Psicanalista graduado em Psicologia (UFJF) e mestre em Psicologia (linha Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica - UFSJ). Atualmente é doutorando em Memória Social pela UNIRO. E-mail: luisnascimento@gmail.com

da poesia e da ironia que a pequena comunidade do interior da Europa planeja fingir seu deportamento em massa para a fronteira com a Rússia.

O trem é uma bela metáfora do movimento sempre em frente, que vislumbra um passo além, um logo ali de incertezas. Ele não leva seu povo para a felicidade certa que virá, o trem tira a vila da inércia deslocando-a para a vida. Ao contrário do trem nazista que, impulsionado pelo progresso de sua superioridade técnica, segue devastando a Europa na busca de escrever uma história que extermine a memória de tudo o que é diferente, o trem da vila é capenga, ilusório, artístico e abrangente (ele abriga judeus, comunistas, ciganos, falsos nazistas e loucos), ou seja, ele é preparado para agir com a história de uma forma diferenciada, e assim levar a memória fluida e viva de seus povos.

O projeto nazista é uma expressão da tentativa de se impor como uma nação supra-histórica, ou seja, “em toda multiplicidade, tipicamente iguais: enquanto onipresença de tipos imperecíveis, dá-se inerte a composição de um valor igualmente imperecível e eternamente igual em sua significação” (Nietzsche, 1993, p. 15).

É “somente na medida que a história impulsiona a vida é que queremos servi-la” (1993, p. 5), e o serviço da vida encontra-se no lado a-histórico do Trem, que congrega ideologias, crenças e povos múltiplos, transformando a força da diversidade, do confronto com o Outro, em força Erótica e artística, celebrando a vida frente à morte iminente.

Conforme já ressaltou Freud (1899/1986), a memória se dá por entre lacunas e desconhecimentos, ela acontece na invenção frente ao vazio e não no catálogo do repositório de um longo arquivo. Várias de nossas lembranças são literalmente construídas para substituírem momentos que possuem uma carga traumática grande o suficiente para se tornarem irrepresentáveis em nosso aparelho psíquico. A memória freudiana remete não a uma recordação, mas incessante permanência dos restos deixados pelas experiências, ou seja, dá-se somente no movimento confluyente do par lembrança e esquecimento.

Esta consideração sobre a natureza particular da memória implica na adoção de uma ética diferenciada para com a alteridade, antes de excluí-la, faz-se necessário celebrar as diferenças, encontrando a verdade no âmbito mais particular de cada sujeito. Para sobreviver, para que o trem da memória siga em frente, é necessário reconhecer, legitimar e incorporar a alteridade, ou seja, é necessário caminhar e inventar o novo frente ao desconhecido. A metáfora utilizada por Freud (1899/1986, p. 274) – “há entre nós um dito corrente sobre as falsificações, no sentido de que, em si mesmas, elas não são de ouro, mas estiveram perto de algo realmente feito de ouro” encontra o “Trem na Vida” na medida em que não sabemos

exatamente o que é fato e o que é criação de Shlomo, mas podemos considerar toda a narrativa como verdadeira, uma vez que esta diz da verdade mais íntima expressa e impressa no ato de criação.

A tentativa identitária de preservação, que age através de um projeto rígido que exclui o diferente sem o incorporar, é retratada no filme como irremediavelmente fadada ao fracasso. Isso acontece tanto nos valores sustentados pelo nazismo como no sonho comunista de um só partido e uma só bandeira, ou na própria identidade judaica que já não se importa mais com o que é Kosher ou não. Antes de tomar qualquer rótulo identitário é preciso ser humano, e celebrar neste humano toda a dimensão múltipla e paradoxal que o termo carrega.

Como belamente expressa Manoel de Barros (2010, p. 345): “tudo o que não invento é falso. [...] Tem mais presença em mim o que me falta”.

Referências

BARROS, M. (1996). *Livro sobre nada*. São Paulo, Record.

FREUD, S (1899). “Lembranças Encobridoras”. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, trad. T. O. Brito, P. H. Britto & C. M. Oiticica. Rio de Janeiro: Imago. v. 3, p. 269-287, 1986.

NIETZSCHE, F. W. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003. (Conexões; 20).

SAFATLE, V. “Do uso da violência contra o Estado ilegal”. In: *Tropico: idéias de norte a sul*. Disponível em: < <http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/3161,1.shlhttp>>. Acesso em: 13 maio, 2011.

TREM DA VIDA (TRAIN DE VIE). Direção: Radu Mihaileanu. Produção: Marc Baschet, Ludi Boeken, Frédérique Dumas-Zajdela, Eric Dussart e Cédimir Kolar. Roteiro: Radu Mihaileanu. Fotografia: Giorgos Arvanitis e Laurent Dailland. Edição: Monique Rysselinck. Música: Goran Bregovic. Distribuidor: Paramount Pictures (<http://www.paramount.com>) Duração: 103 min. Colorido. Origem: França / Holanda / Bélgica / Israel / Romênia, 1998.

Luis Vinicius do Nascimento

Recebido em 13/05/2011

Aprovado em 22/06/2011

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista